

# A função do orgasmo

**Roberto Freire fala em entrevista exclusiva sobre o passado, o futuro e o esquecimento:**

**"Vou ser muito útil no desenvolvimento do anarquismo"**

Maurício Reimberg

No último dia 24 de março, em uma tarde de fria na cidade de Cotia, em São Paulo, na casa de repouso Maria Suzette, o escritor e terapeuta paulistano Roberto Freire, 79 anos, se prepara para dar o que ele mesmo define como sua "última entrevista". Freire, ícone da contracultura brasileira, uma das maiores referências para diferentes gerações que têm o anarquismo como meio, e uma sociedade libertária como fim, falará durante mais de duas horas à CULT sobre seu passado, seus livros, suas ações e - a afirmação pode parecer um paradoxo - sobre seu futuro.

Joaquim Roberto Corrêa Freire, em sua trajetória, defendeu sempre radicais posições, a maior delas a vivência do prazer, o "aqui e agora". Marginal, autor de mais de 25 livros se transformou em best-seller na década de 1960 ao publicar o romance Cleo e Daniel (que está em sua 30ª edição) dois anos após o golpe militar de 1964. O livro aborda as potencialidades do amor e a necessidade de libertação do autoritarismo da sociedade vigente. Admirado entre os jovens, foi alvo de ataques pelos críticos. Amargurou o ostracismo na década de 1990 e desde então vive às avessas com os problemas de saúde. Nos dias 12 e 13 de abril, recebeu homenagem na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em "Encontro Libertário", com palestras, oficinas e exibição de vídeos.

Após sofrer um tombo e fraturar a coluna, na qual uma das vértebras foi totalmente esmagada, Freire se mudou para a casa de repouso Maria Suzette, próxima à rodovia Raposo Tavares, onde mora em um quarto de 30 metros quadrados, "É muito difícil ficar em casa, com assistência médica e enfermagem. Não queria ficar hospitalizado. Então vim para cá que é um local especializado para pessoas de idade." A fragilidade foi acentuada pela doença de Parkinson. "A transformação da minha dinâmica corporal me impede de escrever. Assim, foi retirada a coisa mais importante da minha vida." diz ele. Sem a visão do olho direito, atribuída aos "telefones" (tapas simultâneos nos

ouvidos utilizado nas torturas militares durante as traze prisões que passou), ainda sente as dores do acidente e possui diabete. Insuficiência cardíaca e disritmia, além de depender da ponte de safena e do marca-passo. "Pareço um Frankenstein, todo retocado para continuar vivendo." Após recusar mais de dez entrevistas, segundo ele, chegou o momento de falar.

Freire está isolado e recebe poucas visitas dos filhos e alguns amigos íntimos. Mas desconversa e afirma que isso não chega a ser um incômodo. "Eu acredito que há dois tipos de solidão, quem me ensinou isso foi o Vinicius de Moraes. Tem uma letra do "Hino à Brasília", que ele fez com o Tom que começa assim: 'Antes, era a grande solidão sem mágoa". Essa ideia da solidão sem mágoa fez com que eu entendesse que tem a solidão sem mágoa e a com mágoa. Felizmente, a minha não é sem mágoa. Então eu fico perfeitamente sozinho." As três principais funções exercidas por Freire estão cortadas, devido à condição física: a literatura, a ciência e a militância política.

Mas nem sempre foi assim. A vida e a obra de Roberto Freire giram em torno da experimentação. "O Roberto, por mil razões, algumas delas voluntárias, ficou esquecido, colocado de lado. No entanto, sempre lembrado aqui e ali, sempre citado. Não entendi, contudo, a pouca reação que houve a sua autobiografia (Eu é um outro, Ed. Maianga, de 2003). Roberto provocou, polemizou, criticou, desagradou a certos setores ideológicos, botou o dedo (ou o punhal) em certas feridas e as patrulhas não perdoaram. Castigaram. Contudo, quem não garante que ele preferiu se afastar, de saco cheio de mediocridades, falsidades, fraudes, enganos e superficialidades?", sugere o escritor Ignácio de Loyola Brandão, um dos únicos amigos de Freire no campo literário.

Freire buscou diversos instrumentos da expressão artística. Graduado em Medicina, com especialização em psiquiatria, foi presença ativa na produção intelectual brasileira, sendo também dramaturgo, cineasta, roteirista de televisão, poeta e jornalista. Na imprensa, atuou no jornal Brasil Urgente e nas revistas Realidade e Caros Amigos, da qual se desligou há alguns anos por discordar da linha editorial.

Para conseguir potencializar a capacidade original para criar. Freire enfrentou inicialmente a família, que o aspirava como médico. "Pensei que a minha vida artística iria ser pelo teatro. A minha natureza era para a arte. Já tinha certeza desde garoto." Motivado pela nova perspectiva. Freire foi beber na fonte teórica da transformação: Wilhelm Reich incorporando, anos mais tarde, ao retornará psicologia, as suas teses, inclusive a de que a família espelha e perpetua o Estado.

Médico formado contra a vontade, para agradar seu pai. Freire foi atrás dos escritos dos pensadores anarquistas: Proudhon, Bakunin, Stiner e Malatesta.

Amante da literatura dos beats vindos dos Estados Unidos e do new journalism, valoriza a literatura que se preocupa menos com as formas e mais com os incidentes e personagens. A vida de Freire caminhava nesses grandes eixos, aliada à sua atividade política (militância e luta armada) contra a ditadura na organização clandestina AP (Ação Popular) e aos desencontros com a psicanálise. E foram justamente as críticas à psicanálise, cada vez mais inconciliáveis, que o levaram a optar por uma mudança radical, na década de 1960.

"Freud leve uma descoberta absolutamente genial, que foi o inconsciente. Foi uma das maiores descobertas do século. Mas teoria psicanalítica é praticamente ficção. "Ela é elitista, devido ao alto preço, autoritária, pelas interpretações e mais fantasiosa do que realista, por meio das teorias freudianas", segundo Freire. A teoria do complexo de Édipo, uma das bases da psicanálise, defende que todo ser humano tem como primeiro amor a mãe. Assim, os conflitos ocorridos no amor com a mãe determinariam os futuros problemas na vida: "Eu não acredito em complexo de Édipo. Não posso acreditar", diz Freire. "A gente sabe que a criança só pode amar sua mãe, porque recebe alimentação, calor, proteção e carinho dessa pessoa. Primeiro ela não sabe que é uma outra pessoa. Pensa que a mãe é parte dela. Usa a mãe, e ela o envolve carinhosamente. É impossível que uma criança não se afeição a essa figura primária do amor de mãe."

Roberto Freire acredita que o problema do ser humano é a forma como ele organiza a sociedade construída pelo próprio homem e como vive dentro dela. Portanto, seriam os conflitos da vida social que determinam a estabilidade emocional, ou não. Dispara, inclusive, contra um texto fundamental do freudismo: "Interpretação dos sonhos". "É absurda, até certo ponto ridícula. Muito parecida com o que os ciganos fazem lendo a mão das pessoas. Freud procura explicação estabelecendo padrões, soa até ridículo: sonhando com um lápis, um cano ou a torre de Piza, você está sonhando com um 'caralho'. Eles dizem que você tem problema de fixação peniana não resolvido", provoca Freire, após passar vários anos ouvindo os pedidos dos clientes para que fizesse a interpretação dos sonhos, ele recusava.

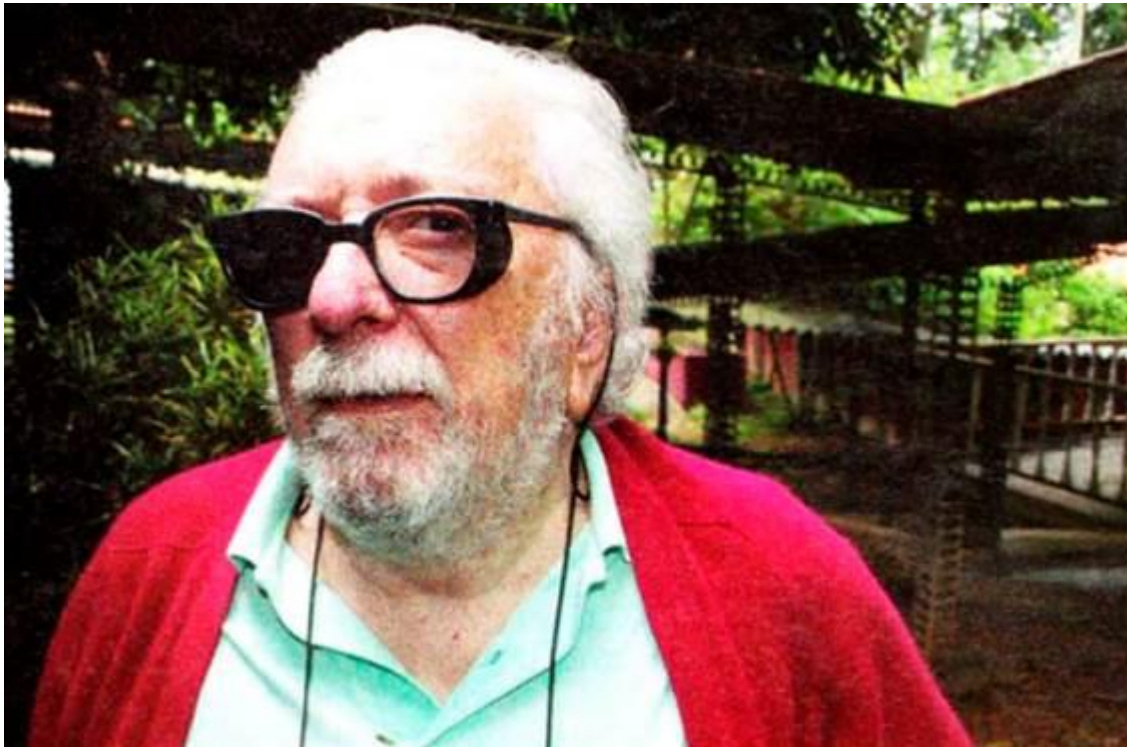
Frederiek Perls, criador da teoria da Gestalt, método que seria aplicado na Soma, terapia desenvolvida por Roberto Freire, elaborou outra forma de trabalhar com os sonhos. Resumidamente, defende que o falo imaginado é você. Ou seja, tudo o que for pensado no sonho é a própria pessoa, isto é, sonhou com o mar, você é o mar. "Eu não uso porque é muito demorado, e a pessoa resolve apenas falando e se movimentando", justifica Freire.

Em sua própria experiência, foram cinco anos submetidos à análise psicanalítica. Cinco vezes por semana, com sessões de uma hora de duração. Insatisfeito e com os mesmos problemas por solucionar. Freire se desiluiu:

"Se fizesse uma terapia mais simples e direta, resolveria os problemas e igual e brevemente. Sem fantasias". Para criar o que considera a realização mais importante da sua vida. Freire aplicou o pensamento de Wilhelm Reich. Influência marcante não apenas na Soma, mas em toda a sua obra foi descoberto pelo autor no início dos anos 1970. Durante uma estadia em Paris. O contato não chegou pela via da psicologia ou da psicanálise, e sim pelo teatro, "Reich foi um antiautoritário que abalou os freudianos: argumentou a favor do prazer pelo orgasmo. Colocou o corpo no centro da vida, retirando os vestígios de investimentos na alma e na adaptabilidade. Chegou a Roberto Freire com a somaterapia de maneira tão decisiva quanto em Michel Foucault e Gilles Deleuze em suas reflexões, respectivamente, sobre o assujeitamento e o desejo", diz Edson Passetti coordenado do Núcleo da Sociedade Libertária, programa de estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e um dos palestrantes presentes na homenagem a Freire no Rio de Janeiro.

A Soma é uma terapia corporal de grupo surgida em 1972. Desenvolvida e supervisionada por Freire para combater a neurose a que estavam submetidos os jovens durante a repressão militar no Brasil, adotou o anarquismo como ideologia política. "Não existe o anarquismo. Existem vários anarquismos. Você pode praticar dentro de um caminho próprio, se for baseado nos princípios básicos", diz ele. Nela está explícita a chamada "ideologia do prazer" que coloca o prazer como objetivo fundamental da vida, em oposição à "ideologia do sacrifício", na qual as pessoas abdicam de seu prazer para que os outros tenham os deles. Para a Soma, esta última está muito presente nas religiões, na psicanálise e no comunismo. A Soma considera a neurose fruto das organizações sociais autoritárias, como a família tradicional burguesa, a pedagogia escolar conservadora e as religiões castradoras.

"Eu nunca tive um cliente que, terminada a Soma e realizados os seus tesões, não tenha ficado absolutamente sadio. Em alguns, que temiam passar fome, custear o casamento ou sobreviver, a neurose persistiu." A Soma incorporou a prática da Capoeira Angola durante as sessões para efeitos terapêuticos e pretende não ser mais um mecanismo de adaptação do indivíduo à vida social tradicional. Dessa forma, Freire visa se distanciar da "psicologia profunda" de Freud, Jung e Lacan e aderir aos criadores da "psicologia à flor da pele", representadas por nomes como Reich, Frederick Perls e David Cooper.



Roberto Freire concede entrevista à Cult diante do quarto onde vive, na casa de repouso Maria Suzette, em Cotia

“A terapia tem que ser tesuda, senão o cliente não aguenta, explica Freire que foi o primeiro no uso do termo tesão quando ele ainda era considerado pornográfico e empregado apenas na juventude. Percebeu três significados: prazer sexual, alegria e beleza. A palavra não existe sem língua nenhuma e virou título de livro quando o autor viu uma pichação de letras pequenas em um muro no cemitério do Araçá, na cidade São Paulo: "Sem tesão não há solução.”

Freire admite ter conseguido a sua liberação somente depois dos 40 anos quando segundo ele a radicalidade passou a ser ética. “Se me indicar é porque estou vivo ainda não me entreguei. Sou um marginal, está certo mas estou berrando ainda, não estou me submetendo.”

Há dois anos ele deixou as atividades terapêuticas por problemas de saúde, mas acredita que a Soma vai conseguir sobreviver sem a sua supervisão. João da Mata assumiu o uso do método, juntamente com outros dois somaterapeutas, como são chamados. "O que nos interessa é a política do cotidiano, os conflitos de poder presentes no dia-a-dia e as suas implicações no comportamento humano", diz João.

Freire conta ter alcançado uma conclusão a respeito de um caminho para se chegar à liberdade, após não conseguir experimentá-la em uma relação

amorosa. Fala do fracasso na tentativa de construir algo livre dentro do amor, por estar permeado de "machismos", de amigos ou irmãos, por todos os lados.

Ele cita o caso das constantes reclamações dos seus filhos sobre a escola. Após ir até o local, resolveu pedir que eles estudassem em casa. "O modelo educacional é dos jesuítas, o primeiro criado no Brasil. É reacionário demais." Hoje, eles são músicos e não exercem nenhuma profissão técnica.

Freire aponta para o otimismo ao avaliar o legado literário. "Não são os críticos literários os que vão aproveitar a minha obra, e sim os políticos, os psicólogos e os filósofos. Vou ser muito útil no desenvolvimento do anarquismo."

Roberto Freire lançou sua autobiografia em 2003, inspirando o título na frase do poeta Arthur Rimbaud, ao protestar contra os artistas franceses: "Os poetas franceses são imbecis, porque não sabem que *eu é um outro*", dizia. A W11 Editores está reeditando os livros de Roberto Freire no Brasil, com a publicação de "Ame e dê Vexame"; "Momento Culminante", com a segunda edição prevista para julho; "Sem tesão não há solução" e "Cleo e Daniel". O processo de recuperação das obras está em curso. Pelo menos é o que Passeti defende: "Diante da onda conservadora dos anos 1990 em diante, Roberto Freire deixou de interessar aos rebeldes circunstanciais e a uma nova geração, preponderantemente institucional, conservadora e burocrática se instaurou". Para ele, Freire "precisa ser redescoberto pelos jovens, mas não por burocratazinhos teimosos por tempo determinado". O mais recente trabalho de Freire é a participação no disco "Vida de Artista", do seus filhos Pedro e Paulo Freire, com previsão de lançamento para o fim do primeiro semestre. Ele é autor de letras e traduções em algumas faixas e recita poesias ao longo do álbum.



“A busca do prazer é o objetivo biológico da vida.”

Para Roberto Freire, a proximidade da morte não causa espanto. "Às vezes eu penso em morrer. A gente devia ter o direito de morrer na hora que quisesse. Não me mataria agora. Tenho que ver meus filhos, netos, amigos e dar esta entrevista." O telefone toca, uma interrupção: Só um momento, por favor". É Jorge Goia, somaterapeuta, numa conversa de cinco minutos sobre a apresentação da Soma na Europa. E a primeira vez que uma terapia brasileira atravessa o Atlântico no sentido inverso. "Está vendo? Fico emocionado, porque gosto muito dele. Acho bonito estar me contando o esforço que está fazendo na Europa para divulgar a Soma", diz em tom confessional característico. "Vou morrer aqui (apontando para a cama, do lado direito à poltrona). Vai ser assim: vou fazer um escândalo - "Estou morrendo, preciso de ajuda!" — ou eles vão me acordar de manhã cedo e já estou embarcado. Não dou a menor bola." Em seguida, uma pausa. Freire sempre recusou o rótulo de "mito", mas tenta lembrar de algo. Balança a cabeça, mãos na testa: "Tem uma frase minha para esta ocasião, diz assim: "É o amor, e não a vida o contrário da morte."

Para os dias de repouso. Freire não abdica do copo de uísque, toda noite, exigência feita antes da admissão no recanto. Todos estão cientes. Ele próprio se medica, uma exceção entre os moradores do lugar. No livro “Palavra e verdade”, ao relatar a maior ameaça que pairava sobre os gregos dos tempos homéricos, o freudiano Garcia-Roza elabora a definição que parece dialogar com o esquecimento vivenciado pelo Roberto Freire de hoje, prestes a completar 80 anos: "A verdadeira morte não é a do corpo, mas a da lembrança. Morte da palavra, morte pela ausência da palavra." Outro paradoxo, para quem produziu tantos.

## **Política do sexo**

Wilhelm Reich (1897 – 1957) é responsável por uma das maiores revoluções da psicologia contemporânea. Austríaco, foi educado dentro de rígidas tradições alemãs. Estudou medicina e ligou-se à Associação Psicanalítica de Viena. Nessa ocasião, Freud qualificou-o de terapeuta brilhante, nomeando-o vice-diretor da sua policlínica Psicanalítica. Durante esses anos, trabalhou em técnicas de análise do caráter e nos fundamentos da teoria do organismo, na qual a capacidade para sentir o clímax é central para a saúde da mente. Em 1927, publicou o livro “A Função do Orgasmo”, mudando-se um ano depois para Berlim, onde fundou a Associação Alemã de Política Sexual Proletária. Em 1934, ao defender que a neurose é um produto social e político, Wilhem Reich, marxista, foi excluído também do partido comunista alemão. Incompreendido à esquerda e amaldiçoado à direita, Reich foi um crítico de todos os tipos de repressão – fosse ela sexual, política ou econômica.

### **Cinco questões para Roberto Freire**

**CULT - Você afirma que todas as autobiografias são pretensiosas e mentirosas. Acredita que a sua (Eu é um outro conseguiu romper com essa tendência)?**

Roberto Freire - Olha, sempre fui radical e muito sincero. Mas como acho que esta é a minha última entrevista, vou ser mais radical e mais sincero: fui levado à tentação da mentira. A minha vontade de contar os fatos que aconteceram, tranquilamente recheados de aventuras, era ficção. Passei por essa tentação e isso me deixou mais horrorizado. Quando escrevi três fases da minha vida e vi que as três não estavam reais (eram sinceras, mas estavam ampliadas e modificadas na realidade], fiquei horrorizado e parei. Depois que descobri um jeito de escrever, de falar sobre a minha vida no trabalho por meio das pessoas com as quais eu convivi, daí eu me políciei completamente. Por isso acredito que as autobiografias são pretensiosas e mentirosas, porque mesmo você querendo não mentir, não se envaidecer, não aumentar o real, é impossível. Duvido de que alguém fale de si mesmo sem demonstrar uma humildade excessiva, ou uma pretensão para se valorizar de algum jeito.

**CULT - A sua obra presenciou uma época em que se acreditava nas mudanças políticas por meio da ação educativa e cultural, que fomentariam as consciências. Atualmente, apesar das sucessivas crises do capitalismo, ocorre o agigantamento da chamada indústria de massa. O método cultural vive o seu pior impasse?**

R. F. - O fato cria a ideia. A cultura é formada por ações humanas e não por reflexões humanas. Você reflete sobre o que já aconteceu, ou o que espera que aconteça. No passado, fomos praticamente levados a pensar no social por meio



de uma teoria que Marx descobriu. Havia uma carência muito grande em cima disso e uma necessidade de combater a exploração do trabalho. Quem se interessava pelo social e pela política via em Marx a grande proposta de transformação. Eu me lembro de que a juventude, se não conhecia Marx diretamente (pela leitura de “O Capital” e de outros livros), era movida por professores ou por ideias gerais que colocavam os conceitos revolucionários como um padrão de melhora e de renovação. Então, era muito fácil você levantar a juventude, por exemplo, por meio das teorias marxistas e da discussão dos problemas que Marx discutia. Eu trabalhava praticamente só com estudantes. Era impressionante como eles tinham uma certa intuição da necessidade de transformação. O mundo estava passando por um período de transição no campo da psicologia familiar e social também. Sempre as ideias marxistas iam à frente e faziam com que a cultura, a arte e a ciência estivessem mais avançadas no campo socialista. O interessante daquela época é que, por exemplo, os grandes arquitetos e escritores eram marxistas: Niemeyer e Jorge Amado, respectivamente. A crítica que eu e a maior parte dos anarquistas defendíamos é que não se faz uma revolução social por meio do burguês, porque Marx propôs que a vanguarda revolucionária, culturalmente falando, fosse da burguesia, que tomava o poder, depois estabelecia a ditadura do proletariado e oferecia o comunismo aos proletários, isso, para os pensadores anarquistas, era um absurdo! Nós só podíamos acreditar em uma transformação socialista se fosse feita pelo povo.

**CULT - Após trabalhar tantos anos com os jovens (terapias, iniciativas culturais e ativismo político), quais as principais diferenças que você observa nos hábitos da juventude que você conheceu e a de hoje?**

R. F. - Eu praticamente trabalhei só com a juventude de classe média desde os anos 1960. A diferença básica é que o jovem hoje quer se divertir, ele acha que precisa de dinheiro. E para existir dinheiro é preciso o capitalismo. Então eu sinto que eles não tem interesse mais, nem falam em revolução social. Eles aceitaram esse pseudo-social de capitalismo como o bastante. Os jovens de classe média vão buscar a sua profissão, se preocupam com a situação social do Brasil e de outros países, mas não militam. São poucos os militantes políticos. Espera-se que, se a economia atingir um determinado nível, a classe média vai ficar bem. E a classe média ficando bem, eles acham que o país está bem. Mas ninguém está preocupado com o operariado. Só os camponeses. Os próprios operários estão preocupados em subir de operário a mestre, de mestre a capataz. Para chegar de capataz a um estudante universitário. Tudo dentro do mesmo regime. Eu fico horrorizado quando os partidos e sindicatos resolvem fazer grandes encontros no Pacaembu, por exemplo. Eles lotam o estádio, mas o que há de diferente? Por que vai tanta gente? A primeira vez eu fui e fiquei escandalizado: convocam, para uma reunião sobre problemas políticos, shows

de cantores, sorteio de carros, geladeiras e casas! Ou seja, colocam no coração do próprio proletário a visão capitalista: solução dos problemas econômicos.

### **CULT - Há viabilidade para projetos de autogestão no Brasil?**

R. F. - Sim. É uma ideia econômica de produção. Eu conversei muito com os anarquistas espanhóis, que participaram da Guerra Civil da Espanha. Eles me contaram como era. Autogestão é uma forma de organização para o trabalho sem patrão, em que o capital e a administração são do próprio trabalhador. O capital necessário tem de ser do trabalhador. A hierarquia era baseada na alternância: ninguém podia ser o capataz de ninguém. Se você mostrava mais capacidade para esse tipo de ação, era tornado líder naquele campo. As lideranças eram espontâneas e descartáveis. Todo mundo pode ser líder de alguma coisa. Só que as vezes não se apresentam oportunidades para exercer a liderança que se tem naturalmente. Numa fábrica, por exemplo, organizava-se o funcionamento pelos turnos, em que todo mundo praticava tudo. Aí, iam sendo selecionados os mais aptos para estas ou aquelas funções, e se verificava que a liderança tinha de ser alternada, porque cria o vício da liderança. É uma coisa que também se descobriu naquela época. Se você fica muito tempo liderando numa área, passa a ter a ideia de que não é capaz de fazer as outras funções bem. Então, eram períodos de até três meses com as mesmas lideranças. O lucro era distribuído pelos trabalhadores por eles mesmos.

### **CULT - Você consegue citar um exemplo concretizado de autogestão na área cultural que obteve êxito?**

R. F. - A organização eu fiz no teatro. Foi fantástico. A PUC SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) me convidou para criar um grupo teatral no Tuca (Teatro da Universidade Católica) em 1965. Fui e disse que aceitaria se eu pudesse aplicar a minha metodologia anarquista. Perguntaram como que era, e expliquei. E fiz o seguinte: convidei um diretor de teatro (Silnei Siqueira), um cenógrafo (José Armando Ferrara) e um músico. Eu seria o diretor geral. Escolhemos a peça (Morte e Vida Severina) com opiniões de todo mundo, depois apresentamos para os estudantes. Eles leram e aprovaram. Montamos a peça e começamos a distribuir funções. O diretor não era exclusivamente o diretor, todos davam palpites na direção. Ele tinha de coordenar as sugestões. A cenografia partiu do princípio de que era uma peça passada no Nordeste, na caatinga. Daí veio um cara, falou: "Vamos ver essa música". E me deram um nome que já conhecia, um tal carioca, Chico Buarque. Ele mandou umas fitas com a música tão precisa, tão maravilhosa... Eram seis músicas. O pessoal ouviu e não quis mais saber de outras. Eu ia convidar o Tom Jobim. Mas foi só a música que não teve palpite de todos, porque a dele (Chico Buarque) foi ótima.

